



Em seu discurso no Globo de Ouro, Fernanda Torres destacou: ‘a arte pode resistir, mesmo durante tempos difíceis, assim como os que Eunice Paiva passou’

# Fernanda Torres faz história e enaltece cinema brasileiro

Ela vence o Globo de Ouro de Melhor Atriz de Drama por sua atuação no filme ‘Ainda Estou Aqui’ e torna-se a primeira brasileira a conquistar essa estatuet

Aline Guevara  
cadernoc@rac.com.br

Acompanhar o Globo de Ouro do último domingo foi quase uma final de Copa do Mundo, mesmo para quem não gosta tanto assim de cinema. Afinal, não é todo dia que temos uma artista brasileira indicada a uma das categorias mais importantes da premiação com chances reais de vencer. Ouvir a gigante Viola Davis anunciar a vitória de Fernanda Torres como Melhor Atriz de Filme Drama foi, portanto, nosso gol da vitória, já no fim de um jogo que muitos davam como perdido. Mas ela venceu e fez história.

Fernanda Torres, que continua em campanha pelo filme "Ainda Estou Aqui" na temporada de premiações de cinema, alcançou um feito inédito: ela é a primeira brasileira a conquistar o Globo de Ouro na categoria principal de Atriz. Antes dela, somente sua mãe, Fernanda Montenegro, havia sido indicada a essa premiação por "Central do Brasil". Naquela ocasião, Montenegro perdeu, e o filme venceu na categoria de Filme em Língua

Não Inglesa. Agora, a situação ficou invertida. "Ainda Estou Aqui" perdeu para o favorito "Emilia Perez" (que também venceu Melhor Filme de Comédia ou Musical), mas a atriz superou estrelas que concorriam com ela — Nicole Kidman, Angelina Jolie, Kate Winslet, Pamela Anderson e Tilda Swinton — e levou a estatuet

No discurso, além de agradecer à equipe do filme, ela também dedicou o prêmio à mãe. "Quero dedicar esse prêmio à minha mãe. Vocês não têm ideia, ela estava aqui há 25 anos, e isso é uma prova que a arte pode resistir, mesmo durante tempos difíceis, assim como os que Eunice Paiva passou. Com tanto problema hoje em dia no mundo, tanto medo, esse é um filme que nos ajudou a pensar em como sobreviver em tempos como esses", declarou Fernanda no palco.

**E AGORA?**  
Primeiro, é tempo de celebrar. O cineasta campineiro Rafael Santin conta que acompanhou a premiação de domingo com ansiedade. "Ouvi gritos em outros apartamentos aqui no meu con-

domínio, como se fosse um gol do Brasil na Copa. Isso simboliza o que essa vitória significa. É um motivo de união, um respiro de alegria em tempos tão divisivos. Fernanda não ganhou apenas por ela, mas por todos nós que acreditamos no poder transformador da arte brasileira", comenta. Segundo o diretor, há, claro, o reconhecimento para Fernanda neste resultado, mas a conquista também "reposiciona a relevância do cinema brasileiro no cenário internacional, destacando a capacidade de nossas produções em contar histórias universais com profundidade e, principalmente, sensibilidade."

É claro que todos os olhares estão voltados para o Oscar, mas Rafael Santin lembra que os votantes do Glo-

bo de Ouro, pouco mais de 300 jornalistas, são diferentes dos mais de 10 mil artistas que votam na Academia de Artes e Ciências Cinematográficas. Ainda assim, essa vitória representa um importante reforço para a campanha rumo ao Oscar.

Nayara Lopes, comunicóloga e curadora do Cineclube Mulheres na Direção, no Museu da Imagem e do Som (MIS) Campinas, explica que a vencedora dessa categoria conquistada por Fernanda no Globo de Ouro quase sempre é indicada ao Oscar (somente em dois casos as atrizes ficaram de fora, ambos com situações bastante peculiares). "Esse prêmio leva o Brasil a outro patamar. Foram mais de 3 milhões de espectadores no País, a maior bilheteria do nosso cinema

pós-pandemia. Era desse protagonismo que o Brasil precisava para voltar aos holofotes, mesmo que tardiamente", analisa Nayara.

A curadora do MIS reforça que os holofotes para "Ainda Estou Aqui" podem iluminar também outras obras, e cita "Manas", ficção da diretora Mariana Brennand, e o documentário "Alma do Deserto", de Mônica Taboada-Tapia, ambos igualmente brasileiros e premiados. "As conquistas de Fernanda, Marianna e Mônica não só elevam o cinema brasileiro ao cenário internacional, como também incentivam o trabalho das mulheres na sétima arte. Elas inspiram a criar com coragem e autenticidade e serem reconhecidas por isso", completa.

**A HISTÓRIA DE FERNANDA**  
Filha da atriz Fernanda Montenegro e do diretor Fernando Torres, Fernanda Torres nasceu em 1965. Ela cresceu em meio ao teatro, trabalho de seus pais. Em várias entrevistas recentes, Fernanda brinca que não teve escolha e "foi obrigada a seguir carreira atuando". Ela começou a atuar no teatro nos anos

1970, trabalhando ao lado de grandes nomes como o dramaturgo Gerald Thomas.

Foi no cinema que Fernanda conquistou um amplo reconhecimento, inclusive internacional. Por "Eu Sei Que Vou Te Amar", ela ganhou o prêmio de Melhor Atriz no Festival de Cannes de 1986. Em "Terra Estrangeira" (1995), também apresentou uma atuação marcante. Em "Casa de Areia" (2005), já havia dividido com a mãe a interpretação da mesma personagem. Mas foi na TV, em papéis nas séries de comédia "Os Normais" e "Tapas e Beijos", que ela conquistou o grande público. Fernanda ainda é escritora dos livros "Fim" (2013) e "A Glória e Seu Cortejo de Horrores" (2017).

Aos 59 anos, Fernanda está em um dos melhores momentos de sua carreira, constantemente reafirmando seu talento e sua relevância para a cultura no Brasil, extrapolando qualquer tipo de fronteira. Independente da indicação para o Oscar - que pode vir no dia 17 de janeiro! -, ela já é gigantesca. E muitas outras conquistas certamente estão no seu caminho.

**cultura**  
Sugestões de pautas, críticas e elogios:  
cadernoc@rac.com.br  
Editora: Cristina Belluco

**CORREIO POPULAR**  
Campinas, terça-feira, 7 de janeiro de 2025